

3 1761 07136158 8



Ferreira, Antonio  
A Castro

PQ  
9231  
F3C4  
1920



JULIO DANTAS

# A Castro



PORTUGAL-BRASIL L<sup>DA</sup>

SOCIEDADE EDITORA

LISBOA

LIVRARIA ACADÊMICA

*J. Guedes da Silva*

R. Mártires da Liberdade, 10  
Telefone 2 5988 — PORTO

LIVROS USADOS  
COMPRA E VENDE

70.

A CASTRO

# OBRAS DE JÚLIO DANTAS

## POESIA

*Nada* (1896) — 2.<sup>a</sup> edição.

*Sonetos* (1916) — 3.<sup>a</sup> edição.

## PROSA

*Outros tempos, inquéritos médicos às genealogias reais portuguesas, etc.* (1909) — 2.<sup>a</sup> edição augmentada.

*Figuras de ontem e de hoje* (1914) — 2.<sup>a</sup> edição.

*Pátria Portuguesa* (1914) — 4.<sup>a</sup> edição, no prelo.

*Ao ouvido de M.me X* (1915) — 4.<sup>a</sup> edição, no prelo.

*O amor em Portugal no século XVIII* (1915) — 2.<sup>a</sup> edição.

*Mulheres* (1916) — 4.<sup>a</sup> edição.

*Eles e Elas* (1918) — 2.<sup>a</sup> edição.

*Espadas e Rosas* (1919) — 3.<sup>a</sup> edição.

*Como elas amam* (1920) — 2.<sup>a</sup> edição.

*Abelhas doiradas* (1920).

*As Grandes Batalhas* — no prelo.

## TEATRO

*O que morreu de amor* (1899) — 4.<sup>a</sup> edição.

*Viriato Trágico* (1900) — 2.<sup>a</sup> edição.

*A Severa* (1901) — 4.<sup>a</sup> edição, no prelo.

*Crucificados* (1902) — 3.<sup>a</sup> edição, no prelo.

*A Ceia dos Cardeais* (1902) — 23.<sup>a</sup> edição.

*D. Beltrão de Figueiróa* (1902) — 4.<sup>a</sup> edição.

*Paço de Veiros* (1903) — 3.<sup>a</sup> edição.

*Um serão nas Laranjeiras* (1904) — 3.<sup>a</sup> edição.

*Ret Lear* (1906).

*Rosas de todo o ano* (1907) — 7.<sup>a</sup> edição.

*Mater Dolorosa* (1908) — 4.<sup>a</sup> edição.

*Santa Inquisição* (1910) — 2.<sup>a</sup> edição.

*O Primeiro Beijo* (1911) — 3.<sup>a</sup> edição.

*D. Ramon de Capichuela* (1912) — 2.<sup>a</sup> edição.

*O Reposteiro Verde* (1912) — 2.<sup>a</sup> edição.

*1023* (1914) — 2.<sup>a</sup> edição.

*Sóror Mariana* (1915) — 2.<sup>a</sup> edição.

*Carlota Joaquina* (1919) — 2.<sup>a</sup> edição.

*D. João Tenório* (1920).

*A Gastro* (1920).

A data indicada para cada obra é a da sua primeira edição

JÚLIO DANTAS

Sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa  
Da Academia Brasileira de Letras

# A CASTRO

Adaptação, em 4 actos, da CASTRO, de António Ferreira

PER ORDEM PVLGENS



LISBOA  
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA  
SOCIEDADE EDITORA  
58 — RUA GARRETT — 60

RIO DE JANEIRO  
COMPANHIA EDITORA AMERICANA  
LIVRARIA FRANCISCO ALVES

PR  
9231  
F3C4  
1920

Reservados todos os direitos de reprodução em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Português*; no Brasil, nos termos do convénio de 9 de Setembro de 1889 e lei n.º 2.577, de 17 de Janeiro de 1912; nos países convencionados, em harmonia com a convenção de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 18 de Março de 1911.





*A Castro, primeira tragédia regular da literatura portuguesa, escrita em 1557 pelo doutor António Ferreira, impressa em 1587, e representada antes desta data em Coimbra, é a dramatização de um assunto medieval — os amores de D. Pedro e Dona Inês — feita segundo o cânon da tragédia grega, em cinco curtos episódios separados por stásima corais, e adoptando, pela primeira vez em Portugal, o dècasilabo branco italiano usado por Giangiorgio Trissino na Sophonisba. Durante mais de três séculos, este monumento do nosso teatro arcáico não se representou, servindo apenas, como «tous ces longs cadavres vénérables qui encombrent les litteratures» — na frase de Romain Rolland — para o estudo paciente dos filólogos. Coube-me agora a honra de reani-*

*mar a obra-prima de António Ferreira, restituindo-a, palpitante de vida, ao teatro português, e fazendo-a aplaudir, ao fim de trezentos e trinta e três anos de esquecimento, não apenas com o frio respeito protocolar com que é de uso acolher estas gloriosas múmias clássicas, mas com aquela comoção profunda e aquele entusiasmo vibrante que na alma das multidões só despertam as grandes obras de teatro, dominadoras e eternas. Com efeito, a Castro subiu à scena na noite de 5 de agosto de 1920, no Teatro Nacional Almeida Garrett, constituindo, na interpretação admirável de Amélia Rey Colaço, um verdadeiro acontecimento. Tratava-se duma obra reconhecidamente insusceptível de se representar no texto integral, a não ser a título de diver-*

*timento erudito, como se usa nas universidades inglesas: foi necessário, portanto, afim de tornar possível a sua realização scénica e de assegurar a sua viabilidade perante as exigências do público moderno, introduzir modificações profundas quer na sua estrutura, quer na sua dinâmica, quer na sua expressão, à semelhança do que Echegaray, Benavente e outros praticaram na vizinha Espanha, em recentes tentativas de rejuvenescimento do teatro de Lope de Vega, de Calderon de la Barca, de Tirso de Molina, de Guevara, e de Moreto. Esta adaptação da Castro, que agora se dá à estampa depois de aceita, sancionada e legitimada pelo aplauso público, difere, pois, sensivelmente, do texto original de António Ferreira: criaram-se nela personagens no-*

vas; reúniram-se, num acto único, o 3.º e 4.º episódios; atenuou-se a parte do côro, fazendo-se cantar apenas a paródos, e distribuíndo-se os stásima por coriféus integrados na acção; procurou-se obter o máximo de movimento compatível com a dignidade hierática da tragédia, e o máximo de lógica e de clareza na dedução dos seus elementos dramáticos; modificaram-se, eliminaram-se, substituíram-se e acrescentaram-se versos, sempre que isso foi conveniente para maior limpidez da expressão e melhor compreensão das situações; retocou-se, emfim, a tragédia, como se fôsse a velha pintura em tábua dum primitivo do século XVI, de fórma a fazê-la sentir e admirar pela multidão; numa palavra, — duma tragédia morta fez-se uma tragédia viva. Que a

*sombra patriarcal do Mestre me perdôe, se puz na sua obra mãos irreverentes. Mas eu entendo, em minha consciência, que prestei à memória de António Ferreira a maior homenagem que podia prestar-lhe, arrancando a Castro à poeira das bibliotecas, onde só a conheciam os ratos e os filólogos, para, ao fim de três longos séculos, a atirar, em pleno esplendor e em plena glória, para a luz ofuscante do teatro.*

JÚLIO DANTAS.



## FIGURAS

---

Inês de Castro.....	AMÉLIA REY COLAÇO
A Ama .....	LUCINDA DO CARMO
Uma donzela de Inês .....	OFÉLIA BROCHADO
Uma mulher .....	ADELAIDE SOARES
Afonso IV .....	ROBLES MONTEIRO
Infante D. Pedro.....	CLEMENTE PINTO
O aio .....	AUGUSTO DE MELO
Um velho .....	EDUARDO RAPOSO
O mensageiro.....	EDUARDO FREITAS
Diogo Lopes Pacheco .....	SEIXAS PEREIRA
Pero Coelho .....	JOSÉ CARDOSO
Alvaro Gonçalves.....	BOTELHO DO AMARAL

Côro de donzelas de Inês. Bispos, ricos-homens, abades-bentos, monteiros, falcoeiros, homens de armas, escudeiros, trombeteiros, carrascos, povo, os três filhos de Inês (Infantes D. Beatrís, D. João e D. Dinís).

*Primeiro acto* : em Coimbra, na quinta das Lágrimas. *Segundo acto* : no paço real de Montemór. *Terceiro acto* : no paço de Santa-Clara, em Coimbra. *Quarto acto* : numa estalagem da Beira.





PRIMEIRO ACTO



## ACTO I

*A scena passa-se na Quinta-do-Pombal, perto dos paços de Santa-Clara, em Coimbra. Na névoa doirada da manhã adivinham-se os gigantes do convento de claristas que Santa Isabel fundou. Junto da fonte-dos-Amores, que sussurra no silêncio e na sombra, uma grande cadeira gótica repousa sôbre um tapete mourisco. E' nessa cadeira que está INÊS, ao levantar do pano, tendo, assentado aos pés numa almofada de brocado, um escudeiro moço, quasi uma criança, que toca alaúde. As donzelas e cuvilheiras da «Colo de Garça» colhem flôres e riem, ao F., entre o arvoredo. São elas que constituem o côro da tragédia. — Música de scena. — Manhã.*

---

### SCENA I

INÊS, A AMA, DONZELAS DO CÔRO

INÊS

Colhei, colhei alegres,  
Donzelas minhas, mil cheirosas flôres!  
Tecei frescas capelas  
De lírios e de rosas. Coroi tôdas  
As doiradas cabeças!

Respirem suaves cheiros  
De que se encha o ar todo.  
Sõem doces tangeres, doces cantos.  
Honrai o claro dia,  
Meu dia tão ditoso!

*AMA, aproximando-se de INÊS, com ternura*

Que novas festas, novos cantos pedes?

*INÊS, com as lágrimas nos olhos*

Ama! Na criação, ama; no amor, mãe!  
Como eu me sinto alegre!

AMA

Novos extremos vejo:  
Nas palavras, prazer; água nos olhos!  
Quem te fez, a um tempo, leda e triste?

INÊS

Triste não pode estar quem vê contente.

AMA

Mistura às vezes a fortuna, tudo.

INÊS

Riso, prazer, brandura na alma tenho!

AMA, *enxugando-lhe os olhos*

Lágrimas são sinais de má fortuna.

INÊS

São da boa fortuna companheiras.

AMA

Que fôrça de prazer tas traz aos olhos?

INÊS

Vejo o meu bem seguro, que receava.

AMA

Porque me tens suspensa?  
Abre-me já, senhora, essa alma tua.  
O mal, abranda; o bem, contando-o, cresce.

INÊS, *erguendo-se*

O' ama! Amanheceu-me um claro dia!

*Emquanto INÊS desce, com a AMA, o escudeiro do alaúde, que lhe tem beijado a mão, sobe para junto das donzelas, assenta-se ao F., num banco de pedra, e continúa tocando. A música acompanha a fala de INÊS:*

Falei ao meu senhor. Infante Pedro!  
Meu doce amor, minha esperança e honra!  
Sabes como em saíndo dos teus braços,  
Ama, na viva flôr da minha idade,  
(Ou fôsse fado meu, ou estrela minha!)  
Com os olhos lhe acendí no peito o fogo,  
Fogo que sempre ardeu, e inda arde agora  
Na primeira viveza, inteiro e puro.

Mas o espírito inquieto com os clamores  
Do povo, e os rogos graves, que trabalham  
Apartar êste amor, quebrar-lhe a fôrça,  
Me traziam mudada, receando  
A volta da fortuna, porque sempre  
Um grande bem, um maior mal promete.  
Lograva como a mêdo os meus amores;  
Criava o grande amor, desconfiança;  
E agora, já confio, nada temo.  
Falei a meu senhor.

AMA

Que lhe disseste?  
E êle, que te falou?

INÊS

Tomei os filhos  
Com lágrimas nos olhos, rosto branco,  
E em chôro solto, comecei: «Senhor!  
Soam-me as cruéis vozes dêste povo,  
Vejo d'el-Rei a fôrça e império grave  
Armados contra mim, contra a constância  
Que em meu amor, té agora, tens mostrado!

Não receio, senhor, que a fé tão firme  
Queiras quebrar a quem tua alma dêste;  
Mas receio a fortuna, que mais possa  
Com seu furor, que tu com teu carinho!  
Por estas minhas lágrimas; por esta  
Tua mão que em sinal de fé me dêste;  
Pelos doces amores, doce fruto  
Que dêle tens diante, te suplico  
Me segures, me guardes, me conserves  
Contra os duros mandados de teu pai,  
Contra importunas vozes dos que podem  
Mudar acaso o teu constante peito!  
Ou quando a minha estrela e cruel génio  
Te puder arrancar desta alma minha,  
Com teu amado braço envolto em sangue  
Ma arranques dêste corpo, ó meu Infante,  
E eu tomarei por doce a minha morte! »

AMA, *chorando*

Moveste-me a alma e os olhos...

INÊS

Ama.

Assim disse,



AMA

E êle?

INÊS

E êle, então, lançando os braços  
Estreitamente em mim, em vão trabalha,  
Mudado todo, de encobrir a mágua  
De meu temor e lágrimas: «E pode,  
O' Dona Inês — me diz — pode teu peito  
Conceber tal receio? Aquele dia  
Primeiro que te vi, não mostrou logo  
Que esta minha alma é tua até à morte?  
Por ti me é doce a vida; por ti espero  
Acrescentar impérios; sem ti, o mundo  
Era um duro deserto para mim!  
Na tua mão te ponho, firme e fixa,  
Minha alma. Por Infanta te nomeio,  
Do meu amor senhora. E no alto estado  
Que me espera, só tu serás rainha!»  
— Assim falou o meu senhor.

AMA, *com júbilo*

Rainha!

INÊS, *em êxtase*

Rainha!

AMA

Entendo agora as tuas lágrimas,  
Filha. Também eu choro. Tão contrária  
Nos é sempre a alegria, que inda toma  
Lágrimas emprestadas à tristeza!

INÊS

Rege tu, ó minha ama, êste meu peito.  
O súbito prazer engana e erra!  
Que farei eu?

AMA

Encobre o teu segredo.

INÊS

Guardo-o em minha alma...

---

SCENA II

OS MESMOS, INFANTE, AIO

INFANTE, *aparecendo ao F., com o AIO*

Inês!

INÊS, *apaixonadamente, indo cair-lhe nos braços*

Ó meu Infante!

CÔRO, *cantando, ao F., quasi num murmúrio,*  
*emquanto D. PEDRO aperta INÊS de encontro ao peito*

Já quando Amor nasceu,  
Nasceu ao mundo vida,  
Claros raios ao sol, luz às estrelas.  
O ceu resplandeceu,  
E, de sua luz vencida,  
A escuridão mostrou as coisas belas.

Por amor se orna a terra  
D'águas e de verdura!

Às árvores dá folhas; côm às flôres.  
Em doce paz a guerra,  
A dureza em brandura  
E mil ódios converte em mil amores.

Amor em doces cantos,  
Em doces liras sôe,  
Torne seu brando nome mais sereno:  
Fujam máguas e prantos,  
O ledo prazer vôle,  
E claro o rio faça e o vale ameno!

INFANTE, *desprendendo-a dos braços*

Vai, Inês!

INÊS, *olhando-o, encantada*

Meu Infante!

INFANTE

Vive leda!  
Vive segura! Que me importa a morte?  
Antes morrer do que viver sem ti!

---

INÊS, subindo, e atirando-lhe beijos, num enlévo

Meu senhor, meu Infante, minha vida!

*Sái pelo F., com as donzelas, que repe-  
tem o côro e desaparecem nas sombras do  
arvoredo.*

---

### SCENA III

#### O INFANTE, o AIO

INFANTE

Deus, Senhor poderoso, pai do mundo,  
A cujo acêno treme a redondeza,  
A cujo querer, nada é impossível!  
Fortalece o meu peito; arma-me todo  
De paciência igual à dura afronta!  
Socega os alvoroços dêste povo,  
A fúria de meu pai, que em vão trabalha  
Arrancar-me minha alma donde vive!  
Sou humano, Senhor. Tentações grandes  
Vencem ânios fortes. Minha Inês!

Ferve o sangue, arde o peito, cresce-me a ira  
Contra quem me perségue. Tu me amansa!  
Tu me aclara e me guia!

*Ao velho AIO, que o escuta:*

Dize, amigo.  
Arrancam-me as entranhas. Que me querem?  
Essa gente que quer, que assim me mata?

AIO

Querem-te só. Procuram tua honra.

INFANTE

Procuram apartar-me donde vivo!

AIO

Se te visses, senhor, vêr-te-ias morto,  
Vêr-te-ias cego.

INFANTE

Porque assim me falas,  
Tu?

AIO

Meu senhor, porque vos amo e sirvo.

INFANTE

Tambêm tu me persêgues?

AIO, *com doçura*

Aconselho-te;

Guio a tua alma, meu senhor Infante.  
Que coisa mais destroi o rei e o reino?  
Que coisa cria mór desprêzo e ódio  
Que vê-lo sujeitar-se a coisas baixas?  
Que vê-lo ser mandado de seus vícios?  
Com que rosto, senhor, darás castigo  
Aos que cometam o que tu cometes?  
Como conservarás a obediência  
Santa devida aos pais, pois tu a negas  
Aos teus, no que te pedem justamente?  
Memória deixarás de mau exemplo  
A teus filhos; darás licença larga  
A reis que isto souberem,—e ao mundo, causa  
De escurecer teu nome para sempre.

Todos sôbre ti cáem. Senhor, vê-te!  
Conhece-te melhor. Entra em ti mesmo.  
Verás então porque é que te importunam,  
O que o teu rei te pede, e o teu povo!

## INFANTE

Não. Eu não sou o que me julgam todos;  
Nem é tamanho o mal, como o tu vês.  
Que entendes tu dum coração de príncipe?  
Julgas que amar é um crime? Tu, vós todos,  
Olhai essa mulher. Vêde o que há nela!  
Dum sangue nos formou a natureza:  
Real é; vem de reis; de reis é digna.  
Fôsse eu monarca de mil mundos, rei  
Da terra inteira, iria pôr-lha aos pés.  
Parece-me pequena essa corôa  
Para a sua cabeça! — Não, amigo.  
Deixe o rei, deixe o povo de cançar-me.  
A ninguém obedeço; a ninguém ouço.  
Arranquem-me a vontade dêste peito;  
Arranquem-me do peito esta minh'alma!  
Melhor o acabarão, do que apartarem-me  
Donde estou, donde vivo: que primeiro  
A terra subirá onde os céus andam,



O mar abraçará os céus e a terra,  
O fogo será frio, o sol escuro, —  
Que eu te deixe na vida, ó minha Inês!

AIO

Amor em ti só reina, amor só manda,  
Peçonha doce d'alma, de honra e vida!  
Mas porque não te movem tantos choros  
Da Rainha, tua mãe? E tantos rogos  
D'el-Rei teu pai? E os meus, que te suplico:  
Aparta-te de Inês!

INFANTE, *violento*

Basta!

AIO, *numa súplica*

Deus!

INFANTE

Basta!

Não te pedi conselho! Vai!

AIO, *exortando-o*

Infante!

INFANTE, *crescendo, numa ameaça*

Vai-te diante de mim! Vai, que me cegas!

*O AIO sai, tristemente. — O INFANTE, abatido, cai sôbre a cadeira gótica, junto à fonte:*

Ó perseguição grande! Ó ódio estranho!  
Homens de entranhas feras e danadas!  
Que me quereis? Que sem razão vos faço  
Em ter igual amor a quem mo tem?  
A quem tudo merece, e inda é pequeno!  
Homens, que procurais a minha morte  
E o meu sangue, — ah, quanto vós daríeis  
Por saberdes odiar e amar como eu!

---

---

---

SCENA IV

INFANTE, INÊS, CÔRO

INÊS, *entrando pelo F., aproximando-se do INFANTE que medita, olhando-o num vago receio tímido, e tomando-lhe a mão*

Em que pensavas, meu senhor?

INFANTE, *mudando a sua expressão bárbara num sorriso de ternura*

Em ti.

*Beijam-se. Ouvem-se os sinos do convento de Santa Clara. O sol inunda a scena. As donzelas de INÊS, invisíveis, cantam ao longe. — O pano cã.*



## SEGUNDO ACTO



## ACTO II

*Nos Paços de Montemór. Uma larga sala abobadada. Arcada ogival praticável, ao fundo. À direita, oratório. O REI dá beija-mão. Passam os Bispos, os Abades-bentos, os ricos-homens, o povo. Junto de AFONSO IV estão os seus conselheiros privados: DIOGO LOPES PACHECO, ALVARO GONÇALVES, PERO COELHO. À extrema direita da scena, entre o povo, um VELHO, corifêu do côro trágico. As figuras vão passando, beijam a mão do rei, e saem pela arcada do F.—Música de scena.—Dia claro.*

---

### SCENA I

REI, PACHECO, COELHO, GONÇALVES,  
UM VELHO

O VELHO, *como se falasse para si próprio,*  
*olhando o REI*

Quanto mais livre, quanto mais seguro  
E' aquele estado que, de si contente,  
Permite que se viva numa honesta  
Mediania !

Tristes pobreza, ninguém as deseje;  
Cegas riquezas, ninguém as procure:  
Num meio honesto está a felicidade  
    Dos céus e terra.

Reis poderosos, príncipes, monarcas,  
Sôbre nós ponde vossos pés, pisais-nos:  
Mas sôbre vós está sempre a fortuna;  
    Nós, livres dela.

Nos altos muros sôam mais os ventos;  
As mais crescidas árvores derribam;  
A mais inchada vela, o mar a rompe;  
    As torres cáem.

Pompas e ventos, títulos famosos,  
Não dão descanso nem mais doce sono;  
Antes mais cançam, antes mais destróem,  
    Antes mais matam.

Como se volvem pelo mar as ondas,  
Assim se volvem êsses peitos cheios:  
E nunca fartos, nunca satisfeitos,  
    Nunca seguros.

Quem mais deseja, muitas vezes se acha  
Triste e enganado: poucas vezes dorme,  
Temendo o fogo, o vento, o ar, as sombras;  
    Temendo os homens.

Rei poderoso, tu porque desejas



Nunca ter reino? Porque essa corôa  
Chamas pesada? Pelo pêso d'alma  
Que te assoberba.

Tristes pobrezas, ninguêm as deseje;  
Cegas riquezas, ninguêm as procure...

*Todos passaram. O VELHO atravessa a scena, trêmulo, envolvido na sua loba negra, beija a mão ao REI, e sai. E' o último. A música cessa.*

---

## SCENA II

OS MESMOS, MENOS O VELHO

REI, *erguedo-se, descendo do estrado, e pondo o sceptro de oiro sôbre uma almofada de veludo vermelho que um escudeiro moço lhe apresenta*

O' sceptro rico! A quem te não conhece,  
Como és formoso e belo! E quem soubesse  
Quão diferente és do que prometes,  
Neste chão que te achasse, quereria  
Pisar-te antes aos pés, que levantar-te.

Não louvo os que se louvam por impérios,  
A ferro, a sangue, a fogo; mas aqueles  
(O' grandeza espantosa e ânimo leve!)  
Que, tendo-os muito grandes, os deixaram.

A DIOGO LOPES PACHECO, *emquanto  
tira da cabeça a corôa e a coloca sôbre a  
almofada:*

O resplendor dêste oiro nos engana:  
E' terra só, e terra a mais pesada.

PACHECO

Trabalho, mais que estado, têm os reis,  
Os bons reis, que não amam os seus vícios  
Como as obrigações de se mostrarem  
Contra si mais isentos e mais fortes.  
Um tal rei como tu, senhor, é rei.  
Não te pese de o ser, que virá tempo  
Que te hajam mais inveja a êsses trabalhos  
Sofridos com paciência e bem regidos,  
Que a vitórias famosas com grã perda  
De homens e de riquezas mal ganhadas.  
Isso faz os reis grandes, dignos sempre

De memória imortal : sofrer trabalhos  
Pelo bem público ; quebrar a fôrça  
Do sangue e o próprio amor; atalhar males,  
Antes que êles se tornem sem remédio.  
Ser duro, mas ser justo: isso é ser rei.

REI, *indo assentar-se num escabelo,  
a meio da scena*

Antes eu o não fôra! Vêr o Infante  
Meu filho rebelado contra mim,  
Duro a meus rogos, duro a meus mandados!  
Que estrela foi aquela, tão funesta?

COELHO

Uma mulher, senhor, que tudo pode.

PACHECO

Uma mulher, que é a perdição do reino.

REI, *a ALVARO GONÇALVES, que fica na  
sombra, de braços cruzados*

Que me aconselhas tu?

GONÇALVES

Senhor, justiça!

REI

Duro remédio. Quanto melhor fôra  
Amor e obediência! Meus pecados,  
Quão gravemente sôbre mim caíram!

COELHO

Mandai matar Inês...

GONÇALVES, *concluindo*

E tudo é feito.

REI

Matar Inês?

PACHECO

E' a salvação do povo.

REI

Matar quem não tem culpa?

COELHO

Pode um rei  
Mandar matar sem culpa, mas com causa.

REI

Que lei há que a condene, ou que justiça?

PACHECO

O bem comum, senhor.

REI

Que crime é o dela?

PACHECO

Vive. A sua morte é a segurança e a paz.

REI, *depois dum silêncio, olhando-os*

E' o conselho que me dais?

PACHECO

A morte.

COELHO, *a quem o REI olha*

A morte.

REI, *a ALVARO GONÇALVES*

Tu, também, amigo?

GONÇALVES

A morte.

REI

Matar uma inocente?

COELHO

Que nos perde.

REI

Não achais outro meio?

PACHECO

Não o temos.

REI

Metê-la num mosteiro!

PACHECO

Queimá-lo-hão.

REI

Lançá-la dêste reino!

COELHO

O amor vôa.

PACHECO

Êste fogo, senhor, não morre logo.

Quanto mais lhe resistes, mais se acende.  
Contra amor, que logar darás seguro?

REI

Matá-la, não, que é rigoroso e iníquo.

COELHO

Não vês, não ouves, quantas vezes morrem  
Muitos que o não merecem?

GONÇALVES, *sombrio*

Deus o quer !

REI, *erguendo-se*

Se Deus o quer, amigos, Deus o faça,  
Cuja vontade é lei, e a minha não.

PACHECO

Os reis, senhor, são como Deus na terra.  
Pois que dirás daqueles que a seus próprios  
Filhos e a seu amor não perdoaram  
Por exemplo comum, e bem do povo?



REI

Aos que bem o fizeram, tenho inveja;  
Os outros, nem os louvo, nem os sigo.

COELHO

O bem geral, quer Deus que mais se estime  
Que o bem particular.

REI

Antes Deus quer  
Que se perdôe a um mau, que um bom padeça.

*Terminante:*

Não mato uma inocente.

PACHECO

Não és justo!  
Vês, poderoso rei, vês com os teus olhos  
A peçonha cruel, que vai lavrando  
Gerada dêste amor cego; vês quanto  
A soberba, o desprêzo dêstes homens  
Contra ti, contra todos vai crescendo:  
Se em tua vida nos tememos tanto,

Que faremos depois da tua morte?  
Por dar saúde ao corpo, qualquer membro  
Que apodrece se corta, e pelo são,  
Porque o são não corrompa. Êste teu corpo,  
De que tu és cabeça, está em perigo  
Por esta mulher só: corta-lhe a vida,  
Atalha esta peçonha, tê-lo-hás salvo.  
Ês médico, senhor, desta república.  
O poder que tem o médico num corpo  
Tens tu sôbre nós todos: usa dêle.  
Se te parece, em parte, isto crueza,  
Não é crueza aquela, mas justiça,  
Quando de cruel ânimo não nasce.  
A clemência por certo é uma virtude  
Nos grandes reis; mas a fraqueza, não.  
Já mostraste quê sabes ser clemente;  
Mostra agora, senhor, que és justiceiro!

*REI, que o tem ouvido, reflexivo e hesitante*

A parte que me cabe neste feito  
Eu a ponho em vós tôda, como aqueles  
A quem cabe o dever de aconselhar-me,  
Sem ódio nem temor, o que é mais justo  
No serviço de Deus e bem do povo.

Vós outros sois meus olhos, que eu não vejo;  
Sois vós os meus ouvidos, que eu não oiço.  
Se eu me enganar, amigos, que a injustiça  
Sôbre a vossa cabeça cáia inteira!

GONÇALVES

Assim seja, senhor!

REI

Pois que assim seja.

COELHO

Almas e honras temos: estas ambas,  
A ti, senhor, se devem; a ti as damos.  
Se é mau nosso conselho, o mal é nosso.  
Aventuramos vidas e fazendas  
Que ao ódio do teu filho ficam sempre;  
Mas percamo-nos nós, percamos vidas,  
Soframos cruéis mortes, nossos filhos  
Fiquem órfãos de pai e deserdados,  
A cólera do Infante nos persiga, —  
Antes isto, senhor, do que faltarmos  
A aconselhar-te com nobreza e honra.

REI

Ide armar-vos. Espero-vos aqui.

PACHECO, *saído com* GONÇALVES e COELHO

Os juizos dos reis, Deus os inspira!

---

## SCENA III

O REI, *só*

REI, *voltando-se para o oratório, numa attitude dolorosa de angústia e de súplica*

Senhor, que estás nos céus e vês as almas  
Que cuidam, que propõem, que determinam!  
Alumia minh'alma, não se cegue  
No perigo e nas trevas em que está.  
Entre mêdo e conselho vivo agora.  
Matar injustamente é uma crueza;  
Socorrer um mal público, é piedade.  
Duma parte receio, doutra tremo.  
Ó filho meu, que queres destruir-me!

Tem dó desta velhice tão cançada;  
Muda essa pertinácia em bom conselho;  
Não dê razões, filho, para que eu fique  
Julgado mal na terra e condenado  
Ante o grande juiz que está nos céus.  
Oh! Vida felicíssima, que vive  
O pobre lavrador só no seu campo,  
Seguro da fortuna e descansado!  
Ninguêem menos é rei, que quem tem reino!  
A realleza, Senhor, é um captiveiro;  
E' a servidão na púrpura; é o inferno  
Na alma! — Temo o filho; temo os homens.  
Dissimulo com uns; suspeito de outros;  
Tremo das sombras; fujo de mim mesmo;  
E entre um filho rebelde e um povo irado,  
Sofro, e suspiro, e gemo, e dissimulo!

*Caído, prostrado, sôbre o escabelo, como  
um grande farrapo doloroso:*

Senhor, que és rei dos reis, Deus poderoso,  
Tem piedade da minha realleza!  
Tem piedade de mim!

## SCENA IV

OS MESMOS, PACHECO, COELHO,  
GONÇALVES

*Os três conselheiros entram pelo F., armados de cotas  
e loudéis, com espadas e misericórdias ao pescoço.*

PACHECO

Meu Senhor!

*REI, erguendo-se, recobrando a sua majestade perdida,  
e atirando, num repelão, o capuz sôbre a cabeça*

Vamos!

*Ouve-se, muito ao longe, o côro das môças de Coimbra  
à morte de INÊS. — O pano cái.*

TERCEIRO ACTO





## ACTO III

*Uma câmara nos Paços de Santa-Clara. Todo o carácter dum interior solarengo do século XIV. Ao F., janela ampla, geminada, aberta sôbre o Mondego: vê-se, na outra margem, a alcáçova de Coimbra com os seus coruchéus. À D. alta, porta. A E. da scena abre para uma alcova de segunda luz, separada do recinto onde a acção se passa por uma larga tapeçaria mudejar pendente duma viga de castanho que atravessa o tecto. Quando se levanta o pano, a tapeçaria está corrida a um dos lados, de modo a vêr-se o interior da alcova, com o leito de INÊS, os berços dos pequenos Infantes, uma enorme lâmpada de prata que scintila na penumbra. O mobiliário sóbrio do século: arcas; escanos pesados de castanho lavrado; velhas uchas, sôbre uma das quais se vêem as tábuas pintadas dum oratório flamengo. Tochas em argolões de ferro chumbados às paredes. — Manhã clara.*

---

### SCENA I

#### INÊS E OS TRÊS FILHOS

*INÊS está junto da janela do F., olhando o rio. Muito aconchegada a ela, uma das crianças; outra, brincando na alcova; a terceira, junto duma arca. São os pequeniños Infantes D. João, D. Dinis e D. Beatris,*

## INÊS

Nunca mais tarde para mim, que agora  
Amanheceu. Ó sol! claro e formoso!  
Como alegras os olhos que esta noite  
Cuidaram não te vêr! Ó noite triste!  
Ó noite escura, que comprida foste!  
Como cansaste esta alma em sombras vãs!  
Em mêdos me trouxeste tais, que cria  
Que ali se me acabava o meu amor,  
Ali a saúdade da minha alma,  
Que me ficava cá...

*Desce; os filhos rodeiam-na; abraça-os:*

E vós, meus filhos,  
Meus filhos tão formosos, em que vejo  
Aquele rosto e olhos do pai vosso,  
De mim ficáveis cá desamparados...  
Ó sonho triste, que assim me assombraste!  
Tremo ainda agora. Tremo! Deus afaste  
De nós tão triste agouro; Deus o mude  
Em destino melhor e em melhor dia.  
Crescereis vós primeiro, filhos meus,  
Que chorais de me vêr estar chorando,

Meus filhos tão pequenos! Ai, meus filhos!  
Quem em vida vos ama e teme tanto,  
Na morte, que fará?

*Enxugando as lágrimas, num sorriso de  
esperança:*

Mas vivereis,  
Crescereis vós primeiro. Que veja eu  
Que pisais êste campo, em que nascestes,  
Em formosos ginetes arraiados  
Quais vosso pai vos guarda, com que o rio  
Passeis a nado a vêr esta mãe vossa,  
Com que canceis as feras, e os inimigos  
Vos temam de tão longe, que não ousem  
Nomear-vos sòmente...

*De novo, soluçando e caíndo sòbre uma  
arca, abraçada às crianças:*

Ai, filhos, filhos!

---

## SCENA II

OS MESMOS, A AMA

AMA, *entrando pela D., com uma grande  
infuza de prata sôbre o quadril,  
e dirigindo-se para a alcova*

Que choros e que gritos, senhora, eram  
Os que te ouvi esta noite?

*Uma das crianças acompanha a AMA.*

INÊS

Ó minha ama!  
Vi a morte esta noite, crua e fera!

AMA, *voltando, depois de ter feito desprender  
a tapeçaria árabe, que cai pesadamente,  
velando a alcova de INÊS*

Entre sonhos te ouvi chorar tão alto  
Que, de mêdo e de espanto, fiquei fria.

INÊS, à AMA, *que se lhe assenta aos pés,  
num almadraque, enquanto as crianças  
sobem até à janela*

Inda agora a minha alma se entristece  
Assombrada dos mêdos em que estive!  
Cançada de cuidar na saúde  
Que sempre leva e deixa aqui o Infante,  
Adormeci tão triste, que a tristeza  
Me fez tornar o sono mais pesado  
Do que nunca me lembra que tivesse.  
Então, sonhei que estando eu só num bosque  
Escuro e triste, duma sombra negra  
Coberto todo, ouvia ao longe uns brados  
De feras espantosas, cujo mêdo  
Me arripiava tôda, e me prendia  
A língua e os pés. E eu, ama, quási morta,  
Abraçava os meus filhos, a tremer...  
Nisto, um leão bravo alevantou-se, irado;  
Rugiu ao meu encontro; e logo, manso,  
Para trás se tornou. Mas, em fugindo,  
Logo vieram três lobos, não sei donde,  
Remeteram a mim, com suas unhas,  
E os peitos me rasgaram. Eu erguia  
Vozes aos céus, chamava o meu senhor.  
Êle ouvia, e tardava... E eu morria

Com tanta saùdade dos meus filhos  
E dêle,— que parece que inda a sinto...

*Abraça-se à AMA, chorando.*

AMA

A Virgem mãi te guarde! — Do cuidado  
Com que, senhora, andaste e adormeceste,  
Se te representaram êsses mêdos.  
Não chores...

INÊS

Choro a mágua, choro a dôr  
Que ao Infante daria a minha morte...

AMA

Outro dia virá, que te amanheça  
Mais claro e mais ditoso: em que a corôa  
Que te espera terás sôbre êsses teus  
Cabelos de oiro; em que serás rainha...  
Deixa vãs sombras, deixa vãos receios.  
Temer de longe o mal, é mal dobrado.

INÊS

Como há-de ser alegre quem tem culpas?  
Julgam-me mal os homens, e a Deus temo.

AMA

Para que Deus perdôe as nossas culpas,  
Basta, senhora, a consciência delas.  
Se pecado houve já, já está purgado  
Com êsse ânimo firme com que o amor  
Uniu as vossas almas, santamente.  
A quem muito ama, sempre Deus perdôa.  
E nunca uma mulher foi mais amada  
Na terra, do que tu.

INÊS, *ouvindo rumor e correndo à janela do F.*

É o meu Infante?

AMA

São as tuas donzelas, que aí vêm.

INÊS, *retirando-se da janela, triste*

Nunca o tanto os meus olhos desejaram!  
Nunca o meu pensamento o imaginou  
De mim tão esquecido. Deus o guarde!  
Deus te guarde, senhor, que me parece  
Que algum mal te detêm, algum mal grande!

Arranca-se a minha alma de mim mesma,  
Parece que quer voar para os teus braços,  
Que sente que me foges, que me deixas!  
Por que me tardas tanto, vida minha?

AMA

Danas êsse teu rosto tão formoso,  
Filha, com tantas lágrimas. Não chores.

*Aproxima-se da janela do F., enquanto  
INÊS, abraçada aos filhos, chora.*

Olha as águas do rio, como correm  
Para onde está saudoso o teu Infante...  
De lá te vê, senhora; elas lhe lembram  
Êste aposento seu e da sua alma,  
Êste campo formoso, êste ar doirado,  
Êstes filhos, senhora, que são filhos  
Do amor maior que a terra viu ainda...

*Às crianças:*

Vossa mãe chora, filhos da minha alma.  
Ide enxugar-lhe os olhos, de mansinho...



SCENA III

OS MESMOS, DONZELAS DO CÔRO

1.<sup>a</sup> DONZELA, *coriféu do côro, entrando precipitadamente com as outras, pela D.*

Ah! Senhora! Senhora! Tristes novas,  
Novas cruéis te trago, Dona Inês!

INÊS, *num grito, amparando-se à AMA*

Minha ama!

AMA, *às donzelas*

Que dizeis, vós outras?

INÊS, *à 1.<sup>a</sup> DONZELA*

Fala!

1.<sup>a</sup> DONZELA, *chorando*

Ai, coitada de ti! Ai, triste, triste!

INÊS, às donzelas

Que mal tamanho é êsse que me trazes?  
Amigas que chorais?

1.<sup>a</sup> DONZELA

A tua morte.

INÊS, num grito

E' morto o meu senhor, o meu Infante?  
Matam-me o meu amor? Porque mo matam?

1.<sup>a</sup> DONZELA

E' a ti, que êles procuram!

AMA, transida

Deus do ceu!

1.<sup>a</sup> DONZELA

Querem matar-te. Foge! Gente armada  
Vem correndo, senhora, em tua busca.

E' o Rei, que quer cevar o seu furor  
No sangue da inocência! Foge! Salva-te!  
Salva os teus filhos, Dona Inês!

INÊS, *chorando*

Coitada!  
Só, triste, perseguida!— Ah, meu senhor,  
Onde estás que não vens?

*Às donzelas, quando as trombetas come-  
çam a ouvir-se, fóra:*

El-Rei me busca?

1.<sup>a</sup> DONZELA

El-Rei.

INÊS

Que mal fiz eu? Porque me mata?

1.<sup>a</sup> DONZELA

Por ti vem perguntando. Sobe aos Paços.  
Busca teus peitos, p'ra com duros ferros  
Te serem cruelmente traspassados!

AMA

Cumpriram-se os teus sonhos!

INÊS

Ama, fuge!

Foge desta ira grande, que nos busca!

Eu fico. Fico só,—mas inocente.

*As trombetas sôam, mais perto.*

Rei cruel, aqui me tens!

*Abraçando-se aos filhos:*

Vós, meus filhinhos,  
Vivereis cá por mim,—meus filhos queridos,  
Pedacos da minha alma, que eu cá deixo!  
Deus de piedade, salva-me, Senhor!  
Môças de Coimbra, povo que chorais  
Esta inocência minha, socorrei-me!  
Que mal fiz eu, para morrer tão cedo?  
Meus filhos, não choreis! E vós, amigos,  
Cercai-me em roda tôdas, defendei-me,  
Âmparai-me, salvai-me desta morte!

*Tôdas as donzelas rodeiam INÊS, que estreita os filhos ao peito. A AMA prostra-se, de joelhos, junto do oratório de Flandres. — O sol splende. — Música de scena.*

1.<sup>a</sup> DONZELA

Cruel morte, que vens  
 Buscar esta inocente,  
 Há piedade e mágua  
 De seus formosos olhos,  
 De seu formoso rosto!  
 Não desates um laço  
 Tão firme, com que dois  
 Corações ajuntou  
 Amor tão estreitamente.

Aquela alva garganta  
 De cristal e de prata,  
 Que sustêm a cabeça  
 Tão alva e tão doirada,  
 Porque cortar a queres  
 Com golpe tão cruel?

Há piedade e mágua  
 De tanta formosura,  
 Daquele triste Infante  
 E dêstes filhos seus.

Detêm-te, enquanto chega!  
Detêm-te, enquanto tarda!  
Corre, ó Infante, corre,  
Socorre o teu amor!

---

#### SCENA IV

OS MESMOS, o REI, PACHECO, GON-  
ÇALVES, COELHO, HOMENS DE ARMAS

*Afonso IV, os conselheiros, os homens de armas entram  
de tropel na câmara de INÊS. Vê-se, entre êles,  
a murça vermelha do carrasco.*

PACHECO, *baixo, ao REI*

A piedade, senhor, será crueza.  
Cerra os olhos a lágrimas. Sê justo.

REI, *olhando INÊS, que caminha para êle*

Esta é, que a mim vem. O' rosto digno  
De mais ditosa sorte!

---

INÊS, *conduzindo os filhos aos pés de AFONSO IV*

Filhos tristes,  
Vêdes aqui o pai de vosso pai!  
Eis aqui vosso avô, nosso senhor.  
Beijai-lhe a mão, pedi-lhe piedade  
De vossa pobre mãe!

REI, *olhando-a, comovido*

Quem pode vê-la,  
Que não chore, e se abrande?

INÊS

Meu senhor!

Esta é a mãe de teus netos. Êstes são  
Filhos daquele filho que tanto amas!  
Esta é aquela coitada mulher fraca  
Contra quem vens armado de crueza.  
Quizeste-te informar de minhas culpas  
Por ti mesmo, senhor. Eu to agradeço.  
Aqui me tens. Bastava teu mandado,  
Para eu, segura e livre, te esperar,  
Em ti, em minha inocência confiada.  
Escusáras, senhor, todo êste estrondo  
De armas e cavaleiros; que não foge,

Nem se teme a inocência da justiça.  
Que fúria, que ira esta é, com que me buscas?  
Mais contra inimigos vens, que cruelmente  
Andassem tuas terras destruindo  
A ferro e fogo. Eu tremo, senhor, tremo  
De me achar ante ti, como me vejo.  
Mulher, môça, inocente, serva tua,  
Eu não tenho ninguém que me defenda,  
Senhor! Só êstes filhos da minha alma!  
Que êles falem por mim, que êles supliquem  
A piedade dum rei, que é seu avô!  
Não com as bôcas, senhor, que ainda são  
Pequenos, mas com os olhos, mas com a alma,  
Com os seus corpinhos tenros, com o seu sangue,  
Que é o teu sangue real,—que não os deixes  
Sem mãe, que não os lances na orfandade,  
Que me deixes viver, viver, viver!

REI, a INÊS, *que se prostra a beijar-lhe  
os pés, soluçando*

Tristes foram teus fados, Dona Inês;  
Triste ventura a tua.—Roga a Deus  
Por tua alma.

INÊS

Senhor, porque me matas?



---

COELHO, *baixo, ao* REI, *que vacila*

Então, senhor!

REI, *a* INÊS

Matam-te os teus pecados!

INÊS

Pecados contra Deus, não contra ti,  
Meu rei e meu senhor! E Deus é justo,  
Deus é benigno, Deus é bom, perdôa  
A quem sofre por ter amado muito!

*Vendo que o* REI, *comovido, afasta os  
olhos dela:*

Ouve-me, meu senhor. Por que não me ouves?  
Por que não me olhas tu, meu senhor rei?

PACHECO, *baixo, a* AFONSO IV

Senhor, é tempo já!

REI, *à parte, dolorosamente*

Deus poderoso,  
Para que deste coração aos reis?

PACHECO, *intervindo, vibrante*

Contra ti, Dona Inês, sentença é dada.  
O reino inteiro pede a tua morte!  
Pouco é o tempo de vida que te resta.

*Apontando-lhe o oratório:*

Roga a Deus por tua alma!

INÊS, *soltando-se de COELHO e GONÇALVES,*  
*que a agarram pelas roupas, e atirando-se, de novo,*  
*aos pés do REI*

Não! Senhor!  
Meu rei, meu pai, ouve-me tu primeiro!  
Antes de me matares, rei, — escuta-me!  
Que crime é o meu? Dize? Que culpa é a minha?  
Matas-me, acaso, porque amei teu filho?  
Se os olhos de teu filho se enganaram  
Com o que viram em mim, que culpa tenho?  
Paguei-lhe o seu amor com outro amor.  
Não soube defender-me. Dei-me tôda.  
Não a inimigos teus, não a traidores,  
Mas a teu filho, príncipe dêste reino!  
Não cuidava, senhor, que te ofendia.  
Defenderas-mo tu, e obedecera,

E fugira da côrte, para sempre.  
Senhor, senhor, porque me matas tu?  
Se eu sou a vida do teu filho, rei,  
Porque o matas a êle? — E estas crianças!  
Êstes filhos, que são o teu retrato,  
Senhor! Que não conhecem outros mimos,  
Nem outros peitos senão êstes! — Filhos!  
Chorai, pedi justiça aos altos céus,  
Pedi misericórdia a vosso avô  
Contra vós tão cruel, meus inocentes!  
Ficareis cá sem mim, sem vosso pai,  
Que não poderá vêr-vos, sem me vêr!  
Abraçai-me, meus filhos, despedi-vos  
Dos peitos que vos deram de mamar,  
Dêstes braços de mãi, que vos enlaçam,  
E que vão já deixar-vos, para sempre!  
Que achará vosso pai, quando vier?  
Achar-vos-há tão sós, sem vossa mãi!  
Não verá quem buscava, verá cheias  
As casas e as paredes do meu sangue,  
Vêr-me-há morta, inteiriçada e fria. . .

*Num grito, abraçando-se convulsivamente  
aos joelhos do REI:*

Oh! Não, senhor! Senhor, eu tenho mêdo!

Ampara-me, socorre-me, perdoa-me,  
Tem piedade de mim!

REI, *erguendo-a, num grande gesto de piedade*

Ó mulher forte!  
Venceste-me. Abrandaste-me. Eu te deixo.  
Vive, enquanto Deus quer!

INÊS, *beijando-lhe as mãos*

Senhor!

PACHECO, *num protesto surdo*

Senhor!

AMA, *levando as crianças, enquanto INÊS, a atirar  
beijos ao REI, chorando e rindo, se recolhe à alcova*

Vive tu, pois perdoas, rei piedoso!

PACHECO, *vendo o REI despedir num gesto  
o carrasco, que sai*

Oh! Senhor, que nos perdes! Tua fraqueza  
E' indigna de ti, do teu real peito!

Vence-te uma mulher, — e queres ter fôrça  
Para vencer teu filho!

COELHO, *ao* REI

A que vieste?  
Para que nos armámos, afinal,  
Senhor, se duas lágrimas te abrandam?

GONÇALVES, *sombrio, tórvo, ao* REI

Já uma mulher pode mais do que o reino!

PACHECO, *quando se começam a ouvir os clamores  
do povo, fóra*

Ouve, escuta, senhor. O povo ruge!

REI

Ruja embora, — não inato uma inocente!

GONÇALVES

Tu és rei!

REI, *assentando-se num escano, abatido*

Mas sou homem Chora-me a alma!

PACHECO, *emquanto o rumor augmenta, e o REI, perplexo, esconde a cabeça nas mãos*

Pelo teu estado real te suplicamos!  
Pelo amor do teu povo! P'lo teu reino!  
Por mais vida e mais honra de teu filho,  
Príncipe nosso! Por aquele seu  
Fernando, único herdeiro, cuja vida  
Te está pedindo justamente a morte  
Desta mulher! Emfim, por honra tua,  
Senhor, senhor, — consente que se cumpra  
A sentença de morte que firmaste!  
E' a vida do reino e de nós todos!  
Se esta mulher não morre, senhor rei,  
Vacila-te a corôa na cabeça!

COELHO, *apontando a janela*

Ouve o povo, senhor!

REI, *erguendo-se*

Basta! Deixai-me!  
Eu não mando, nem vedo. Deus o julgue.  
Vós outros o fazei, se vos parece  
Justiça condenar quem não tem culpa!

PACHECO, *arrancando a espada*

Essa licença basta. — A' morte!

COELHO, *arrancando a misericórdia que tem ao  
pescoço, e correndo, com PACHECO e GONÇALVES,  
para a recâmara*

A' morte!

*As donzelas querem precipitar-se para a  
alcova de INÊS; os homens de armas de-  
teem-nas. Ouvem-se gritos.*

1.<sup>a</sup> DONZELA, *debatendo-se entre os braços  
de homens que a agarram, e atirando-se aos pés do REI*

Senhor, misericórdia! Ó nunca visto  
Mais inocente sangue! Como sofres,  
Ó rei, tal injustiça! Ouves os brados  
Duma pobre mulher, e não a salvas!  
Ouves o choro dos filhinhos, rei,  
E não corres. . .

*Ensanguentada, ferida de morte, INÊS  
surge à porta da alcova; crispa as mãos na  
tapeçaria; grita, mas a voz estrangula-se-  
lhe na garganta; cai morta em scena.*

Horror!

PACHECO, *para o povo, à janela do F., brandindo  
a espada tinta de sangue*

Justiça é feita,  
Por mandado d'el-Rei nosso senhor!

REI, *enquanto o povo aclama, e os sinos dobram*

Não poder eu dar-lhe vida outra vez!

*Cai o pano*



QUARTO ACTO



## ACTO IV

*Uma estalagem beirôa onde o Infante, guloso e “viandeiro”, como diz Fernão Lopes, descança das suas montarias. Acompanham D. Pedro, abancados com êle, alguns dos seus monteiros e homens-de-armas. Servem-nos mulheres. — Dia claro.*

### SCENA I

INFANTE, OS MONTEIROS

*INFANTE, depois de ter esvasiado  
uma escudela de caldo, aos monteiros, que o cercam*

Outro céu, outro sol me parece êste  
Diferente daquele que lá deixo  
Donde parti, mais claro e mais formoso.  
Onde não resplandecem os dois claros  
Olhos da minha luz, é tudo escuro.

*Comendo, sôfregamente, pão e mel:*

Aquele é só meu sol, a minha estrela,  
Mais clara, mais formosa, mais luzente  
Que Vénus, quando mais clara se mostra.

Daqueles olhos se alumia a terra  
Em que sombra não há, nem nuvem escura.  
Tudo ali é tão claro, que até a noite  
Me parece mais dia que êste dia.

*A uma mulher, que lhe enche de vinho a  
copa:*

Mercês.

*Bebendo, aos monteiros, que bebem tam-  
bém:*

Ali, a terra reverdece  
Doutras flôres mais frescas e melhores.  
O céu se ri e doira, diferente  
Do que neste horizonte se me mostra.  
Doutros ares respira ali a gente,  
Que fazem imortais os que lá vivem.

*Levantando-se, e caminhando para o F.:*

Inês, Inês, ó meu amor constante!  
Quem me tirar de ti, tira-me a vida.  
Minh'alma, lá ma tens; eu tenho a tua.  
Em morrendo um de nós, morremos ambos.

---

*Descendo até a um banco de castanho, na  
E. baixa, onde tem a espada, e armando-se:*

Mas quem fala em morrer, amigos? Não!  
Muitos anos e muitos viveremos  
Sempre os dois neste amor tão doce e puro.  
Rainha te verei dêste meu reino,  
Inês! Doutra corôa coroada,  
Diferente de quantos diademas,  
Desde que o mundo é mundo, e o dia é dia,  
Brilharam numa frente de mulher!

---

## SCENA II

OS MESMOS, UMA MULHER,  
O MENSAGEIRO

UMA MULHER, *entrando, ao INFANTE,*

Senhor, um mensageiro vem da côrte,  
Que vos pede audiência.

INFANTE, *assentando-se, já armado*

Pois que venha.

*Aos amigos, quando a mulher sai:*

Novas d'el-Rei meu pai? Escutaremos.

*Vendo entrar o MENSAGEIRO, coberto de pó, a expressão transfigurada:*

És tu? — Fala, homem.

MENSAGEIRO

Triste mensageiro  
Tens ante ti, senhor.

INFANTE

Que novas trazes?

MENSAGEIRO

Novas cruéis. Cruel sou contra ti,  
Pois me atrevi trazê-las. A maior  
Desventura é de tôda a terra!

INFANTE

Tens-me suspenso. Fala. Estou escutando.

*Instante de hesitação do mensageiro.*

Dize! Seja o que fôr!

MENSAGEIRO

Senhor Infante,  
E' morta Dona Inês, que tanto amavas.

INFANTE, *erguendo-se, de repelão,  
como uma fera, sacudindo o mensageiro,  
crispando-lhe as mãos nas roupas, arrepelando-o,  
encarando-o, fixando-o:*

Deus! — Inferno! — Ah, Inês! Inês! Inês!  
Olha bem para mim: Inês é morta?

MENSAGEIRO, *sucumbido*

De morte tão cruel, que é nova mágua  
Contar-ta. Não me atrevo.

INFANTE, *sacudindo-o*

E' morta?

MENSAGEIRO

Sim.

INFANTE

Quem ma matou?

MENSAGEIRO

Teu pai, com gente armada,  
Foi hoje salteá-la. A inocente,  
Que tão segura estava, não fugiu.  
Não lhe valeu o amor com que te amava,  
Nem teus filhos, com quem se defendia,  
Nem aquela inocência e piedade  
Com que pediu perdão, lançada aos pés  
D'el-Rei teu pai, que tanto se apiedou  
Que lho deu já, chorando. Os seus ministros  
Arrancando as espadas — dura afronta! —  
Traspassaram-lhe os peitos cruelmente,  
E abraçada com os filhos a mataram,  
Que inda ficaram tintos do seu sangue.

INFANTE, *correndo pela casa, como louco*

Que direi? Que farei? Que clamarei?  
Ó fortuna! Ó crueza! Ó mal tamanho!  
Ó minha Dona Inês, ó alma minha,



Morta me és tu? Morte houve, tão ousada,  
Que contra ti pudesse? Eu ouço-o, — e vivo!  
Eu vivo, minha Inês, e tu és morta!  
Coração, coração, porque não estalas?  
Porque não se abre a terra, e não me sorve  
Num momento? P'ra quê? P'ra que vivo eu?

*Caíndo a soluçar sôbre o banco:*

Ó minha Inês! Ó alma da minh'alma!  
Amor meu, meu desejo, meu cuidado,  
Minha esp'rança, minha única alegria!  
Mataram-te! Mataram-te! Tua alma  
Inocente, formosa, humilde, santa,  
Deixou já seu logar p'ra todo o sempre!  
Encheram-se as espadas do teu sangue!  
Ó leões bravos, ó tigres, ó serpentes!  
Porque não vos volvestes para mim?  
Mil vidas que eu tivera, vo-las dava  
Por um cabelo só da minha Inês!  
E o céu não cai, e não tremeu a terra!

*Chora, convulsivamente.*

MENSAGEIRO

Senhor, para chorar é sempre tempo.

As lágrimas que fazem contra a morte?  
Vai ver aquele corpo. Vai prestar-lhe  
As honras que lhe deves.

## INFANTE

Tristes honras!

*Erguendo-se:*

Outras honras, senhora, te guardava;  
Outras se te deviam. Ó tristeza!  
Como poderei vêr aqueles olhos  
Cerrados para sempre? Como, aqueles  
Cabelos já não de oiro, mas de sangue?  
Aqueles mãos tão frias e tão negras,  
Que antes via tão alvas e formosas?  
Aqueles brancos peitos traspassados  
De golpes tão cruéis? Aquele corpo,  
Que tantas vezes tive nos meus braços,  
Vivo e formoso,— como, morto agora,  
E frio, o posso vêr? Ó meu amor!  
Tu já não me ouves! Não te vejo mais!  
Já te não posso achar em tôda a terra!  
Chorem comigo as pedras duras; mudem-se  
Em sangue vivo as águas do Mondego;  
As árvores se sequeem, e as flôres!

Eu te matei, senhora, eu te matei!  
Ah! Mas será terrível a vingança!  
Rei cruel, rei três vezes inimigo,  
Eu te renego de meu pai! Mataste-a:  
Vais pagar-me o seu sangue, gota a gota!

*Arrancando a espada:*

Que o fogo lavre e arraze a tua terra;  
Que o sangue corra; que a vingança ruja;  
Que, por onde eu passar, só haja morte  
E ruínas; que o próprio Deus se espante  
De mim! — Amigos, já não tenho pai!

*Saindo pelo F., com os homens-de-armas  
e mouteiros, espada em punho:*

Inês! Inês! Ó alma da minha alma!  
Vou fazer-te rainha, — finalmente!

*O côro, fóra, canta lamentosamente a  
morte de Inês. — O pano cai.*

FIM





# PORTUGAL-BRASIL L.<sup>DA</sup>

SOCIEDADE EDITORA

88, Rua Garrett, 60—LISBOA

ALBERTO DE OLIVEIRA <i>Na Outra Banda de Portugal</i> .....	1\$50	L. XAVIER BARBOSA <i>Cem Cartas de Camillo</i> .....	2\$50
ALBERTO TELLES <i>Camilo na Cadeia da Relação do Porto</i> .....	1\$20	MANUEL DA SILVA GAIO <i>De Roma e suas conquistas</i> .....	1\$00
ANTONIO CABRAL <i>Eça de Queirós</i> .....	2\$50	MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO <i>Paginas escolhidas</i> .....	1\$50
ANTONIO GRANJO <i>A Grande Aventura</i> .....	1\$50	MAYER GARÇÃO <i>Os Cem Sonetos</i> (prefacio)	2\$00
AUGUSTO DE CASTRO <i>Couversar...</i> (Sobre Amores, Ironias, Viagens)..	1\$20	OSCAR LOPES <i>Seres e sombras</i> .....	1\$50
CARLOS MALHEIRO DIAS <i>A verdade Nua</i> , (2. <sup>a</sup> ed.)	2\$00	PAULO DE GARDENIA <i>Lecticia</i> .....	1\$00
<i>A Esperança e a Morte</i>	1\$00	SAMUEL MAIA <i>Sexo Forte</i> .....	1\$50
CELSE VIEIRA <i>O Semeador</i> .....	1\$00	SOUSA COSTA <i>Paginas de Sangue</i> .....	1\$20
COELHO DE CARVALHO <i>A Eneida de Virgilio</i> ....	2\$00	<i>Fructo Prohibido</i> .....	2\$00
CONDE DE SABUGOSA <i>Gente de Alago</i> .....	3\$00	STUART TORRIE <i>Secretario Comercial da Língua Inglesa</i> , cart....	2\$00
<i>Embrachado</i> , cart.....	1\$50	URBANO RODRIGUES <i>A Duqueza da Baêta</i> ...	1\$50
EDUARDO DE AGUILAR <i>Tragédias de Roma</i> ....	1\$50	<i>Coração</i> .....	\$70
EDUARDO SCHWALBACH <i>A Historia da Carochinha</i> .....	\$60	<b>Theatro:</b>	
EGAS MONIZ <i>A Vida Sexual</i> , enc.....	5\$00	H. LOPES DE MENDONÇA <i>Nô Cégo</i> , 3 actos.....	\$80
<i>Um ano de politica</i> .....	2\$00	JULIO DANTAS <i>D. João Tenorio</i> , 6 actos	2\$00
EMMANUEL LASSERRE <i>Os Delinquentes Passio-naes e o Criminalista Impallomeni</i> .....	1\$20	<i>Rosas de todo o ano</i> ....	\$40
H. LOPES DE MENDONÇA <i>Sangue Português</i> (2. <sup>a</sup> ed.).....	2\$00	<i>1023</i> , episodio em verso .	\$40
IRACEMA <i>Cartas de mulher</i> .....	1\$00	<i>Carlota Joaquina</i> , 1 acto .	\$60
JOÃO DE CASTRO <i>Jornadas pelo Minho</i> ....	1\$00	<i>Um serão nas Laranjeiras</i>	2\$00
<i>A Comédia de Lisboa</i> ...	2\$00	MARCELINO MESQUITA <i>Almas doentes</i> , 2 actos..	\$60
JOÃO DO RIO <i>A Mulher e os Espelhos</i> , (2. <sup>a</sup> edição).....	1\$50	URBANO RODRIGUES <i>A Posse — Ultima Aventura — Maria da Graça</i>	\$80
<i>Correspondencia de uma estação de cura</i> (2. <sup>a</sup> ed.)	1\$50	VASCO MENDONÇA ALVES <i>Promessa</i> , 4 actos.....	\$60
JULIO DANTAS <i>Como elas amam</i> (2. <sup>a</sup> ed.)	2\$00	VICENTE ARNOSO <i>O Ultimo Senhor de S. Geão</i> .....	1\$00
<i>Espadas e Rosas</i> , (3. <sup>a</sup> ed.)	2\$00	<b>No Prêlo:</b>	
<i>Mulheres</i> , (4. <sup>a</sup> ed.).....	2\$00	ALFREDO APELL <i>Contos Populares Russos. — Tradições do povo portuguez e brasileiro comparadas com o folclore estrangeiro.</i>	
<i>Sonetos</i> (3. <sup>a</sup> ed.).....	\$80	JOÃO DO RIO <i>Rosario da Ilusão.</i>	
JULIO DE CASTILHO <i>Fastos Portuguezes</i> .....	1\$00		

PQ  
9231  
F3C4  
1920

Ferreira, Antonio  
A Castro

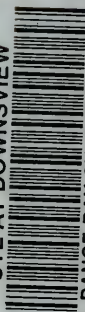
PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

· UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 10 08 05 08 015 0